

Verdadeiro ou Falso?

A fim de justificar os arranhões no pescoço, marido infiel exhibe à irada esposa um vídeo em que aparece remando tranquilamente seu caiaque, no momento em que foca brincalhona atinge-o com um polvo de porte médio, provocando-lhe as lesões que despertaram suspeitas da mulher. Foi esse o vídeo que recebi pelo WhatsApp, a toda evidência montagem muito bem feita, mas completamente inverossímil.

Se a falsidade do referido vídeo pode ser, como de fato é, facilmente detectável, outros existem, espalhados pelas famigeradas redes sociais, que muitas vezes não despertam sequer leve dúvida, feitos que são com muita competência. E além de vídeos, também notícias e informações bem elaboradas, em que tantos usuários acreditam piamente e de imediato repassam, sem pestanejar, a seus seguidores.

Contudo, nestes incríveis tempos em que surpresas variadas espreitam-nos a todo instante, é de bom alvitre duvidar em um primeiro momento e apenas acreditar se e quando tudo puder ser comprovado com segurança. A cultura da dúvida razoável é precaução inafastável nestes dias em que falsas promessas são largamente amplificadas pelos meios de comunicação, ao alcance de todos.

Alguns exemplos de informações divulgadas como verdadeiras, mas que devem ser recebidas “cum grano salis”, ilustram bem o que acima foi dito. Eu mesmo li que cientistas do Canadá teriam revelado que certa espécie de peixe se comunica através da emissão de “gases”, que além do som, também provocam bolhas na água. Confesso que não conheço nenhuma história de pescador, todas elas, como se sabe, absolutamente verdadeiras, que comprove essa informação.

Outra história não muito bem contada é a que pretende explicar a origem do termo “almofadinha”, empregado como referência, de cunho pejorativo, a rapazes abonados e elegantes. Teria se originado de concurso realizado na cidade de Petrópolis, na segunda década do século XX, a fim de premiar o moço que pintasse e ou bordasse a mais bela almofada. Haverá alguma maldade no emprego atual desse termo?

E agora um conselho para quem já estiver pensando nos preparativos para as festas de fim de ano. Matemáticos ingleses teriam descoberto fórmula ideal para o cálculo do número exato de bolas necessárias para deixar a árvore de Natal mais bela e harmoniosa.

Tudo muito simples, ao alcance de qualquer criança. Basta extrair a raiz quadrada de dezessete, dividir por vinte e ao final multiplicar o resultado pela altura da árvore...

Por derradeiro, mas como exemplo do que não é razoável duvidar, veja-se a origem da expressão “a toque de caixa”, que significa sair a toda pressa e que tem, sim, a ver com aquele instrumento musical. Com efeito, quando os mouros invadiram a Península Ibérica, a expulsão de pessoas indesejáveis, como baderneiros e bêbados contumazes, era anunciada, a todos os moradores da cidade, ao som apressado de tambores que os punham a correr para nunca mais voltar.

Algum dia, se me “der na telha”, ainda volto a esses fatos e farsas. Quero contar-lhes, agora, o que Raimundo me disse, com a maior “cara de pau”, quando lhe mostrei o vídeo da foca atirando um polvo no pescoço do remador, provocando-lhe os tais suspeitos arranhões. “Sabe, seu doutor, o senhor me deu uma excelente ideia para resolver um probleminha que estou tendo aqui em casa...”.

Darly Viganó

darly.vigano@gmail.com